

A EXPERIÊNCIA DA AULA DE CAMPO NO CARIRI PARAIBANO: CAMINHOS NA CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA NO CURSO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFCG

Fabiano Custódio de Oliveira¹

RESUMO

A aula de campo é uma opção metodológica no processo de ensino-aprendizagem riquíssima para contextualizar os conteúdos estudados em sala de aula no ensino de Geografia, sendo vista como um meio de levar o aluno a refletir sobre a teoria, mobilizando-o a confrontar com a realidade o que foi discutido em sala de aula. Sendo assim, na busca desse confronto entre teoria e realidade foi realizada uma aula de campo no âmbito da disciplina Geografia Agrária do curso da Licenciatura em Educação do Campo no Cariri Paraibano. Desta forma, este trabalho tem por objetivo relatar a aula de campo da disciplina Geografia Agrária e sua importância para os alunos do curso da Licenciatura em Educação do campo do CDSA/ UFCG. Neste sentido, a pesquisa de campo foi vista como uma aproximação do que se ler com o que se ver, na busca de respostas e visualizações na realidade local para significar os conteúdos ministrados na disciplina Geografia Agrária, sendo assim, escolhemos campo do Cariri Paraibano para aproximar o integralizar o conhecimento teórico como o empírico. Como referencial teórico, utilizamos Alentejano e Rocha-Leão (2006), Castrogiovanni (2000), Morais (2003), Pontuschka (2009), Oliveira (2010) e Passini (2010). No caminho metodológico utilizamos os pressupostos teóricos da Observação Participante (MARCONI e LAKATOS, 2009), como também, para elaborar a aula de campo, tivemos por base Neves (2010), que aponta três etapas a serem seguidas para a realização da aula de campo: I Planejamento e Organização, II Realização, III Relato de Campo. Como conclusão, através dos relatos elaborados e fotografias registradas pelos alunos no decorrer da aula de campo, verificamos que os alunos obtiveram uma aprendizagem significativa, realizando um debate integrado da Geografia Agrária brasileira com a realidade do campo do Cariri paraibano destacando nessa microrregião o processo de industrialização do campo, os assentamentos rurais, a educação do campo, os acampamentos, a luta pela terra, a crise hídrica, a agricultura camponesa versus agricultura capitalista e a gestão ambiental. Tornando a Geografia Agrária viva e presente na realidade dos alunos do curso da Licenciatura em Educação do Campo.

Palavras-chave: Geografia agrária, Aula de campo, Educação do campo.

INTRODUÇÃO

¹ Professor Doutor em Geografia do Curso da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo- LEGECAMPO

A aula de campo é uma opção metodológica no processo de ensino-aprendizagem riquíssima para contextualizar os conteúdos estudados em sala de aula no ensino de geografia, sendo vista como um meio de levar o aluno a refletir sobre a teoria, mobilizando-o a confrontar com a realidade o que foi discutido em sala de aula. Sendo assim, na busca desse confronto entre teoria e realidade, foi realizada uma aula de campo no âmbito da disciplina Geografia Agrária do curso da Licenciatura em Educação do Campo no Cariri Paraibano.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo relatar a aula de campo da disciplina Geografia Agrária e sua importância para os alunos do curso da Licenciatura em Educação do campo do CDSA²/ UFCG³. Nesse sentido, a aula de campo é vista como uma aproximação do que se lê com o que se vê. Na busca de respostas e visualizações na realidade local para significar os conteúdos ministrados na disciplina Geografia Agrária, escolhemos o Cariri Paraibano para realizar a aula de campo.

A aula de campo em geografia é um elemento didático essencial para análise e compreensão de seu objeto de estudo — o espaço geográfico —, pois é essencial que o acadêmico ou pesquisador em geografia entenda o espaço a partir da práxis educativa teoria em sala de aula e a prática em campo. Entretanto, esse processo deve ser planejado e organizado de modo que a pesquisa em campo não se desvincule de seu propósito. Essa metodologia visa contribuir de maneira efetiva para o processo de aprendizagem sobre a ciência geográfica.

A aula de campo é uma metodologia que precisa de um olhar inovador do professor; ele precisa sentir quais as necessidades dos alunos diante do que está sendo estudado na teoria, para que, com a aula de campo, possa haver um complemento articulador entre a teoria e a prática, como destaca Cavalcanti (2013, p. 98): “A aula de campo propicia a este profissional demonstrar na prática a teoria apresentada na sala de aula, pois por dessa atividade o professor percebe os fenômenos com que deseja trabalhar”.

Outra abordagem pertinente é a dos autores Alentejano, Rocha-Leão, Otavio M. (2006), pois eles falam da importância do preparo prévio dessas saídas a campo, de forma que se problematizem com os alunos os diversos ambientes que eles vão observar, o que seria uma forma de contribuir para a formação de pesquisadores desses alunos, além de ser uma forma de direcionar o que é mais relevante para a pesquisa a que se propõem com o trabalho a ser realizado.

² Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA – Sumé - PB

³ Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Para Castrogiovanni (2012), a aula de campo na disciplina de Geografia é essencial, pois, através dela, é possível identificar de fato o que é estudado na sala de aula, enquanto no campo é possível perceber as diversas interações do homem e o meio. Uma vez que a geografia estuda os aspectos físicos e humanos, essa metodologia de ensino torna-se essencial e eficaz, porquanto possibilita a reflexão dos sujeitos dentro de sua realidade, fazendo uma relação entre a teoria e a prática, que muitas vezes podem parecer distantes dos elementos de sua convivência.

Diante das várias discussões sobre a aula de campo, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) falam da importância de se estudar o meio como forma de pesquisa, o que possibilita o entendimento das relações existentes no espaço geográfico, seja urbano, seja rural, e possibilita, também, aos alunos produzirem conhecimentos que não estão apenas nos livros didáticos.

No entanto, é preciso se ter em mente que a aula de campo é um instrumento metodológico riquíssimo, mas que, se mal planejado, pode se tornar apenas mais uma ferramenta sem significado, o conhecido “passeio”. Dessa discussão, surge a importância do planejamento; o professor que opta por essa metodologia não pode simplesmente levar seus alunos a campo sem que tenha feito visitas preliminares ao local que será objeto de estudo, assim como se faz necessário um roteiro de perguntas do percurso a ser observado.

Para tanto, existem algumas etapas a serem seguidas para que os trabalhos transcorram com maiores chances de obter sucesso no processo de ensino/aprendizagem. Neves (2010) aponta em seu trabalho essas etapas e relata a dificuldade de se encontrar referencial teórico a respeito delas, afirmando que grande parte dos que encontrou não passaram de relatos de experiência, sem pormenorizar a construção de cada etapa do processo, além de serem voltados para o ensino da graduação ou pós-graduação, mas podendo ser adaptados para o ensino básico, desde que respeitem o nível de conhecimentos dos alunos.

As etapas sugeridas por Neves (2010) são três: I Planejamento e Organização, II Realização, III Relatório de Campo.

A primeira delas é a etapa do Planejamento, a qual sugere que o professor precisa ter uma preparação técnica, assim como seus alunos. Com isso, é necessário que o professor trabalhe com seus alunos essa ida a campo falando dos possíveis acontecimentos que podem ocorrer e, para tanto, o professor precisa conhecer previamente os locais que fará parte do roteiro da aula. Sugere, também, que se elabore um programa de trabalho e efetivação de providências administrativas, que seria o contato com entidades públicas ou privadas responsáveis pelo local escolhido para a aula; escolha de caminhos a serem seguidos; previsão

do tempo para o dia da aula; o melhor transporte a ser utilizado para locomoção até o local; cálculo de despesas; autorizações necessárias; identificação dos participantes e seleção e preparação de material. Este material será de acordo com o tipo de trabalho que vai ser realizado, podem ser equipamentos fotográficos, cadernetas de anotações, cartas, mapas etc.

A segunda etapa é a Realização: esta vai ser a etapa na qual, após terem sido feitos todos os planejamentos “pré-Aula de campo”, será realizada a prática e, dentro dessa realização, também há etapas a serem cumpridas. A primeira dessas etapas é a observação inicial, que é uma breve percepção assim que se chega ao local da aula. Nela, é importante que se façam anotações, tanto dessas percepções como também de possíveis explicações de organização dos espaços visitados. Outra etapa é a do registro que está dentro também dessa etapa anterior, mas que não necessariamente sejam apenas os escritos, eles podem se fotográficos, e até mesmo leitura cartográfica. Para isso, Neves (2010) argumenta que:

a cartografia deve ser incluída em todas as atividades de campo, seja como forma de leitura e localização, como forma de registro de informações ou como estratégias de interpretações/divulgação dos dados, por ser um recurso fundamental para desenvolver e aprimorar o olhar e o fazer geográfico (2010, p.36)

Essa leitura cartográfica pode acontecer em dois âmbitos: para os mais experientes na atividade pode ser de forma individual e para os menos experientes de forma coletiva, com símbolos de fácil leitura, preparados pelo professor.

Ainda dentro da realização, Neves (2010) pontua a importância do inquérito geográfico, que seriam questionários a serem aplicados aos sujeitos da região onde está sendo realizada a aula, complementando, se necessário, com entrevistas. Ainda pode haver coleta de amostras, o que vai depender dos objetivos da aula. Contudo, esses materiais coletados precisam ser devidamente armazenados e etiquetados para análises posteriores.

Por último, temos a terceira etapa: o Relatório de Campo. Ele não precisa necessariamente se restringir a um relato do que ocorreu na aula de campo, ele pode ser também complementado por pesquisas posteriores que ajudem a enriquecer os trabalhos, assim como os resultados das possíveis análises dos materiais recolhidos em campo. Alguns pontos precisam ser observados nesse relatório: o relatório pode ter figuras, imagens, anexos; é importante que sua formatação e os elementos que devem conter nele sejam discutidos antes mesmo de a aula ser realizada; a participação dos alunos nesse processo é importante, pois vai estar respeitando o nível de entendimento do aluno.

Consideramos todas essas etapas importantes, uma vez que, para tudo ocorrer de forma a se obter, de fato, aprendizagem, é preciso que se tenha metas a cumprir. Se forem estabelecidos objetivos a serem cumpridos, se torna mais fácil realizar os trabalhos na aula de

campo, visto que, notadamente, os alunos tendem a se dispersar diante de tantas informações e, até mesmo, devido à movimentação do lugar escolhido para a realização da aula.

METODOLOGIA

A atividade desenvolvida nessa experiência se caracterizou como uma ação qualitativa, em que foram utilizados pressupostos teóricos da observação participante (MARCONI e LAKATOS, 2009). Dessa maneira, no primeiro momento, (Universidade) foram debatidos os textos que fazem parte da disciplina Geografia Agrária e que retratam as contradições do espaço agrário brasileiro, tendo por base os seguintes autores: Andrade (2005), Oliveira (1990), (2002), Oliveira (2007) e Stedile (2005), entre outros. Foram iniciadas as leituras e discussões de textos sobre aula de campo dos seguintes autores: Alentejano e Rocha-Leão (2006), Cavalcanti (2013) e (2004) Castrogiovanni (2012), Pontuschka et al (2009), Oliveira (2010), Passini (2010) e Neves (2010).

No segundo momento, foi realizada a produção dos instrumentos da coleta de dados da aula de campo, como roteiro de perguntas que seriam aplicadas pelos alunos aos atores encontrados nos espaços pesquisados. No terceiro momento, foi realizada a aula de campo no espaço rural das seguintes cidades: Boa Vista, localizada na microrregião de Campina Grande, Cabaceiras e Boqueirão, ambas localizadas na microrregião do Cariri Oriental Paraibano.

Os resultados foram analisados através dos relatos escritos, produzidos pelos alunos no decorrer da aula de campo e separados pela sequência do roteiro produzido e ilustrado pelas fotografias registradas no momento da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência da Aula de Campo no Cariri Paraibano

O curso de Licenciatura em Educação do Campo surgiu em 2009, com implantação do CDSA, localizado no Município de Sumé, situado no território do Cariri Paraibano, na região semiárida do Nordeste do Brasil. O objetivo do curso é formar professores para a Educação Básica, em consonância com a realidade social e cultural específica das populações que trabalham e vivem no e do campo, na diversidade de ações pedagógicas necessárias para concretizá-las como direito humano e como ferramenta do desenvolvimento social.

A Licenciatura em Educação do Campo compreende, em sua formação, a base para a docência multidisciplinar na Educação Básica nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, tendo como aprofundamento para sua docência uma das seguintes áreas de conhecimento. Linguagens e Códigos (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes e Cultura Corporal); Ciências Humanas e Sociais (Geografia, História, Sociologia e Filosofia); Ciências Exatas e da Natureza (Física, Química, Biologia, Matemática).

No âmbito da área das Ciências Humanas e Sociais, a ciência geográfica está contemplada com as seguintes disciplinas: Introdução à Geografia, Geografia do Brasil, Cartografia Geral, Geografia da Paraíba e Geografia Agrária, que propõe, no seu ementário, estudar: os conceitos da geografia agrária; o capitalismo e a produção do espaço agrário: desenvolvimento e contradições; o desenvolvimento recente da agricultura brasileira e o papel do Estado; os movimentos sociais no campo; reforma agrária: o conflito entre capital e trabalho no campo e as novas territorialidades.

Para vivenciar e conhecer a realidade do espaço agrário local, foi realizada a aula de campo, no decorrer da disciplina. A turma era composta por 12 alunos. De início, foi traçado um roteiro com objetivo, pontos de pesquisa e percurso, que teve como ponto de saída o município de Sumé e chegada o município de Boqueirão. As intervenções foram realizadas nos municípios de Boa Vista, Cabaceiras e Boqueirão, todos na zona rural.

A aula de campo teve por objetivo conhecer a realidade da Geografia Agrária no Cariri Oriental Paraibano, nas seguintes dimensões: educação do campo, assentamento rural, processo de ocupação por sem-terra, açude público, conflito pelo uso da água, relação homem e natureza e alternativas de sobrevivência da agricultura camponesa no município de Boqueirão – PB. Para cada lugar visitado foi elaborado, na sala de aula, um roteiro de perguntas para servirem de entrevistas aos atores encontrados e alcançar o objetivo proposto da aula de campo.

1º - Zona rural de Boa Vista - PB - Nesse espaço, tendo por base o texto de Araújo, Farias e Sá (2008), observamos que a extração da bentonita foi dando um novo visual à geografia desse lugar, visto que, na paisagem, as edificações das empresas, as máquinas e o fluxo de caminhões e tratores que chegam e saem tomam, em parte, o lugar da vegetação nativa da Caatinga, dos animais e do próprio roçado de culturas de subsistência. Todavia, verificamos que, nessa área, as duas atividades, muitas vezes, apareceram imbricadas, resultando numa outra paisagem que não é exclusivamente rural nem urbana, mas um misto das atividades agrícola e industrial. Diante desse contexto, é fato que a indústria da bentonita modificou os espaços nos últimos anos (fotos 1 e 2). Porém, vale ressaltar que a prática da agropecuária

ainda persiste na área observada, permanecendo e resistindo às transformações impostas pela indústria mineral.

Fotos 1 e 2 - Zona rural de Boa Vista - PB



Fonte: Fabiano Custódio

2º - Assentamento Serra do Monte – Cabaceiras - O Assentamento Serra do Monte encontra-se a uma distância de 16 km da cidade de Cabaceiras. Possui uma área de 5.127,2197 hectares, estando dividido em lotes de 36 a 38 ha para cada uma das 101 famílias. Além disso, existem 1.047,3733 ha de Reserva Legal e 179,3726 ha de área de Preservação Permanente. De acordo com o que consta no Plano de Recuperação do Assentamento Serra do Monte (2010), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) publicou, em 1996, no jornal O Norte, a relação dos 15 maiores imóveis improdutivos do Estado da Paraíba, sendo um deles a Serra do Monte, com 5,830,6ha. Após o falecimento do seu proprietário, João Francisco da Motta, o imóvel foi colocado à disposição do INCRA para a realização da política de Reforma Agrária.

De acordo com o senhor Anchieta, ex-presidente da associação dos assentados, “a propriedade era caracterizada pela pecuária extensiva”. Na infraestrutura do imóvel, havia um abatedouro de animais e o beneficiamento de peles era realizado nos curtumes da família, nas cidades de Campina Grande (PB) e Natal (RN). A criação de animais de forma extensiva provocou sérios agravos ambientais, como retirada da vegetação nativa para diversos usos: alimentar o gado, produzir carvão e utilizar madeira na construção de cercas e currais na região. Devido à ausência de infraestrutura, o que dificultava a vida dos assentados e tornava pouco atrativo o lugar, apenas dezessete famílias foram morar no assentamento.

Consoante a professora Gisele (Gestora escolar), com a criação da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Francisco da Motta, em 06 de fevereiro de 2005, e o estabelecimento de outros equipamentos coletivos, é que as famílias beneficiadas com o título

de posse começaram a residir no local. A escola é sediada na antiga casa grande, onde ficava a sede da fazenda; para a organização escolar foram feitas algumas adequações na estrutura física, transformando quartos em sala de aula. Na escola é oferecido da Educação Infantil ao 5º ano; o corpo docente é formado por 6 professoras (todas concursadas) e uma gestora escolar, que é filha de uma família de assentados, e 3 funcionários. A escola tem uma biblioteca, sala de informática, refeitório improvisado, cozinha, 4 banheiros e uma quadra

A criação da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Francisco da Motta (fotos 3 e 4) foi uma reivindicação dos próprios assentados, que não aceitavam o transporte diário de seus filhos para estudar na sede do município à secretária municipal de Educação de Cabeceiras.

Com a implantação da escola, outros equipamentos foram conquistados pelos assentados, por exemplo, o posto de saúde PSF. Na escola, mesmo estando localizada no assentamento, não está implantada a organização pedagógica da Educação do Campo, mas identificamos um trabalho coletivo do corpo docente para oferecer aos estudantes uma educação de qualidade. Em relação às novas reivindicações, os assentados solicitaram a construção da escola padrão do campo e a implantação da Educação de Jovens e Adultos no turno da noite.

Fotos 3 e 4 - Escola Municipal de Ensino Fundamental João Francisco da Motta



Fonte: Fabiano Custódio

No assentamento Serra do Monte, assim como em todo o Semiárido nordestino, existem problemas estruturais e de ordem natural que dificultam o desenvolvimento social e econômico da região. Trata-se principalmente de deficiências hídricas, resultado de uma baixa e irregular precipitação anual, associado a uma elevada taxa de evaporação e evapotranspiração e a presença de solos rasos e pedregosos. Tais características impõem restrições ao sistema produtivo da área de estudo, além de provocar sérios danos sociais ao atingir, principalmente, a população economicamente mais pobre. No final da visita, ficou

evidente que a luta não acaba quando os ocupantes se tornam assentados, e sim, essa luta recomeça, agora pela permanência na terra, reivindicar recursos para fazerem com que a terra se torne produtiva e pelo direito a educação, saúde e lazer.

3º Acampamento Esperança – Boqueirão – Encontra-se a uma distância de 05 km da cidade de Boqueirão (fotos 5 e 6), especificamente na comunidade Relva. Existe, porém, uma enorme diferenciação entre os assentados do assentamento Serra do Monte em relação aos sujeitos da “ocupação”, ou seja, do Acampamento Esperança, os quais ainda não conquistaram seu lote de terra. Estes encontram-se em processo de luta, de grande luta, pois os mesmos ocuparam esse local há um ano. Esse acampamento é formado por 97 famílias que vivem em barracos feitos de lona; todas essas famílias são oriundas de um bairro periférico de Boqueirão e, anteriormente, trabalhavam na atividade agrícola em torno do açude Epitácio Pessoa, “O Boqueirão”.

Fotos 5 e 6 - Acampamento Esperança – Boqueirão



Fonte: Fabiano Custódio

Esses grupos reivindicam a posse da propriedade dentro da qual estavam localizados. Lá instalaram seus barracos; porém, foram despejados, pois não podiam permanecer dentro da propriedade, apenas fazer o cultivo de seus produtos. Tiveram, portanto, de se instalar às margens da estrada, em terras pertencentes ao Estado.

A propriedade, na qual cultivam suas produções, como milho, feijão, palma etc., pertence ao proprietário Wellington Roberto. Em outra ocasião, esses ocupantes faziam o cultivo de hortas, deixando assim de cultivá-las, pois havia água de poço através de bombas, pertencentes ao tal proprietário, mas ficaram sem essa água e deixaram de produzir as

hortaliças. A água utilizada, hoje, para o consumo é de caixa d'água cedida pela prefeitura de Boqueirão.

Os sujeitos desse acampamento não podem ocupar muita terra, eles têm o direito apenas de “cinco” hectares para trabalhar. Das crianças existentes nesse acampamento, algumas estudam na comunidade chamada Bredos e outras em Boqueirão. Esses acampamentos não têm representante, a senhora Dona Dorinha é apenas uma pessoa forte que luta e organiza as pessoas. Lá é feita pela prefeitura a distribuição de cestas básicas para os ocupantes. Os mesmos ainda não conquistaram recursos seguros para poder construir escolas, posto de saúde, instalação de água etc., bem como plantar e viver dignamente.

Junto aos barracos desses ocupantes, está instalada a bandeira do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), pois eles estão ligados ao movimento e lutam não com armas, mas com a força e a coragem que têm, não só por um pedaço de chão para trabalhar, mas para conquistar seus espaços como qualquer ser humano que possui direitos essenciais como saúde, moradia, educação, dentre outros direitos que constam na nossa Constituição Federal.

4º Açude Epitácio Pessoa - Boqueirão – PB - A construção do açude Epitácio Pessoa⁴, conhecido popularmente como “Boqueirão”, realizada pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), entre os anos de 1951-1956, tornou possível, através do represamento das águas do rio Paraíba, o desenvolvimento da atividade agrícola irrigada no município. Assim, entre 1950-1960, alguns agricultores deram início a uma nova agricultura destinada ao comércio, passando a dedicarem-se a culturas como feijão, milho, repolho, pimentão, banana e, principalmente, o tomate, que possibilitou um aumento na produção agrícola do município, atraindo várias pessoas dos municípios vizinhos para dedicarem-se à atividade agrícola.

Fotos 7 e 8 - Açude Epitácio Pessoa - Boqueirão – PB



⁴ O açude Epitácio Pessoa está localizado no Cariri Oriental Paraibano na mesorregião da Borborema, na microrregião do Cariri Oriental Paraibano, na bacia hidrográfica do rio Paraíba. O lago por ele formado abrange uma área de 2.680 ha. Sua bacia hidrográfica cobre uma área de 12.410 Km² e sua extensão adentra os municípios de Barra de São Miguel e Cabaceiras.

Fonte: Fabiano Custódio

5° Sítio Alagamar – Boqueirão – PB – Encontramos agricultores oriundos de comunidades que ficam em torno do açude de Boqueirão; os mesmos estão no sítio devido à possibilidade de irrigar suas atividades agrícolas com a água do poço feito nas margens do rio Paraíba. As principais culturas presentes na comunidade são: tomate, pimentão, feijão verde, repolho, macaxeira, alface, coentro e milho. As unidades produtivas utilizam equipamentos para irrigação, como destaque ao método de irrigação por gotejamento e microaspersão. Os instrumentos de trabalho mais utilizados dentro das unidades são: enxada, enxadeco, picareta, pulverizadores de costas, equipamentos utilizados na irrigação, como motores-bombas elétricas, e as encanações. O trabalho é realizado pela própria família, desde plantio até a colheita. No decorrer da produção, são utilizados adubos químicos e agrotóxicos no combate às pragas. Os produtos são comercializados na Empasa (**Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas**) em Campina Grande.

Fotos 9 e 10 - Produção Agrícola



Fonte: Fabiano Custódio

6° Projeto Ambiental 8 Verdes - Para finalizar a aula de campo, conhecemos o “Projeto Oito Verde”, localizado no antigo balneário de Boqueirão. O projeto visa arborizar com plantas nativas toda a área do açude Epitácio Pessoa. No momento da visita, o coordenador e ativista ambiental Pedro Aprígio não apenas mostrou o viveiro e as espécies que são doadas à população, como também ensinou aos alunos como implantar um viveiro de mudas em uma escola. De acordo com o coordenador, o projeto oferece palestras sobre educação ambiental nas escolas do Cariri Paraibano e conta com a colaboração da Universidade Estadual da

Paraíba, através do projeto “Adote uma árvore”. Segundo o coordenador do Projeto, “em dois anos, as mudas passarão de mudas para árvores, trazendo benefícios a todos aqueles que necessitam direta e indiretamente do açude”. Um dos resultados esperados é a retenção de agrotóxicos pelas árvores, impedindo que essas substâncias cheguem até as águas do Epitácio Pessoa.

Fotos 11 e 12 - Projeto Ambiental 8 verdes



Fonte: Fabiano Custódio

Espera-se, também, que o reflorestamento do Epitácio Pessoa diminua o processo de evaporação, considerado um grande consumidor das águas do manancial. O açude Epitácio Pessoa, mais conhecido como açude de Boqueirão, é responsável pelo abastecimento de diversas cidades da Paraíba, incluindo Campina Grande, uma das maiores cidades do interior do Nordeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aula de Campo nas cidades do Cariri Paraibano foi uma estratégia metodológica que contribuiu de forma diferenciada para a aprendizagem dos alunos da disciplina Geografia Agrária, uma vez que ela mostrou, na prática, o que eles só tiveram acesso na teoria. Ela também proporcionou aos alunos uma vivência diferenciada da rotina de sala de aula, pois conheceram o Cariri Oriental Paraibano, nas seguintes dimensões da geografia agrária: educação do campo, assentamento rural, processo de ocupação por sem-terra, açude público, conflito pelo uso da água, relação homem e natureza e alternativas de sobrevivência da agricultura camponesa no município de Boqueirão – PB.

Ao retorno à sala de aula, os alunos leram seus relatos e mostraram as fotografias registradas na aula de campo, sempre problematizando e relacionando o debate da geografia agrária brasileira com a local. Por fim, montamos três murais de fotografias e realizamos a I exposição da Geografia Ambiental e Agrária do Cariri Paraibano da LECAMPO, no Hall da central de aulas do CDSA, levando o conhecimento adquirido na disciplina para a comunidade acadêmica. O aprendizado na aula de campo ficou relatado no poema do aluno Erivaldo Tiago, que, ao terminar a aula de campo, escreveu:

Foi um dia valioso
De muito conhecimento
Nós saímos de Sumé
Rumo a um assentamento
Serra do Monte o lugar
Nós podemos encontrar
Um povo muito contente.

A casa grande, uma escola,
Com Educação do Campo
Sua mais nova nobreza
Ocupando o mesmo canto
Que já viu muita riqueza
Hoje com nova beleza
Presente em cada recanto.

Com o líder lá presente
Conhecemos a história
Do velho dono da casa
Resgatando a memória

A professora falou
De tudo que já passou
De sua luta e vitória.

Indo bem mais adiante
Conhecemos acampados
Na batalha pela Terra
Eu não vi eles armados

Ao contrário vi, na face,
Sofrimento sem disfarce
Em seus barracos armados.

Seguindo pra Boqueirão
Vimos algo preocupante
Um açude grandioso
Em estado alarmante
Pouca água em extensão
Eu não pude pôr a mão
Em sua água brilhante.

Vimos produção também
De batata, milho e feijão
Vimos terra preparada
Visitamos uma ação

O Oito Verde um projeto

Para um futuro certo

Que haja arborização

Erivaldo Tiago

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Silvan Borborema; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha e SÁ, Alcindo José de. **Mineração e industrialização da bentonita e as transformações/permanências no espaço agrário de Boa Vista-PB: um estudo de caso dos sítios bravo e urubu.** *Revista de Geografia*. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 25, n. 3, set/dez. 2008.

ALENTEJANO, Paulo R.R, ROCHA-LEÃO, Otavio M. **Trabalho de Campo:** Uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? *Boletim paulista de Geografia*, São Paulo. Nº 84, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio (Org). **Ensino de geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento.** Campinas, SP: Papirus, 2004.

_____. **Temas da Geografia na escola básica.** Campinas, SP: Papirus, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia:** reflexão sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: editus, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **A agricultura brasileira transformações recentes.** In: _____. ROSS, Jurandyr L. S. (org). *Geografia do Brasil.* 5 ed. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 2005. p 467-534.

OLIVEIRA, Fabiano Custódio de. **Alterações no Sistema Produtivo e Organização do Trabalho na Agricultura Irrigada em Torno do Açude de Boqueirão – PB.** (Dissertação de Mestrado – Geografia UFPB). João Pessoa, - PPGG, 2007.

PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado.** 2.ed. São Paulo: editora Contexto ,2011.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib et al . **Para ensinar e aprender geografia.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

STEDILE, João Pedro (Org). **A questão agrária no Brasil:** o debate tradicional (1500-1960). São Paulo: editora expressão popular, 2005.